

O TIRO CIVIL

ORGÃO DO SPORT NACIONAL

Redacção e administração

Toda a correspondência dirigida a Anselmo de Souza.

Sexta-feira 15 de abril de 1898

Assignatura paga adiantada

Lisboa, 3 mezes	300 réis
Provincias, 6 mezes	600 »
Numero avulso	60 »
Anuncios preço convencional	

SUMMARIO

Concurso nacional de tiro.—União dos Atiradores Civis Portuguezes.—Os desafios de tiro á bala.—Tiro federal de 1898.—Um novo canhão de tiro rapido.—Penetração da espingarda italiana.—Bulhão Pato, por ZACHARIAS D'ACA.—Lucta d'm touro com um tigre, por ERNESTO VIANNA.—A festa de Santo Huberto em Berlim, por B. DE SA.—Caçada aos javalis, por ARTHUR BEBIANO.—Club dos Caçadores do Porto, por B. DE SA.—Um alvitre, por B. DE SA.—Club dos Caçadores do Porto.—Codornizes.—O defezo.—Associação dos Caçadores Portuguezes.—Legislação sobre caça, por H. OLAVRAC.—Viva Jose Bento Pessoa.—Jose Bento Pessoa, por F.—Manoel dos Santos, por E. D'A.—Egas Moniz Barreto do Couto, por F. P. MONIZ BARRETO.—Revista quinzenal, por E. D'A.—A tauromachia em Portugal, por E. D'A.—A aficção nos Açores, por E. D'A.—A nação portugueza, Jose Joaquim Peixinho.—Real Club Fluvial Portuense.—Correspondencia.—Casa da Moeda e Papel Sellado.

GRAVURAS

Vasco da Gama.—S. Raphael.—Porta do convento da Batalha.—Janella do convento de Christo.—Porta da egreja dos Jeronymos.—Tumulo de Vasco da Gama.—Egas Moniz Barreto do Couto.—Manuel dos Santos.

TIRO

Concurso nacional de tiro

Lisboa, 1898

ESTÃO definitivamente marcados os dias 21 e 22, sabbado e domingo, do proximo mez de maio, para se realizar o nosso primeiro concurso nacional de tiro, que começará no primeiro dia ás 9 horas da manhã.

Que todos os nossos camaradas atiradores nacionaes e os estrangeiros, que nos quizerem honrar com o seu concurso, se aprestem para não faltar a esta festa patriótica, a mais bella de todas as que distinguem o IV centenario do descobrimento da India.

Da sub-commissão que tem a seu cargo os *Premios da cidade de Lisboa*, recebemos a amavel offerta de uma collecção de bilhetes, em formato de bilhete postal, do valor de 100 réis cada um; estes bilhetes são ornados com as seis pequenas gravuras que publicamos; no verso contem a descripção da gravura; tirados em seis côres, que, por combinação d'estas, com os seis bilhetes, formam collecções de trinta e seis.

Foi uma lembrança feliz, que encontrou no secretario da commissão, o nosso particular amigo e collega Fraga Pery, um executor de primeira ordem, interpretando os desejos da commissão, não só n'este trabalho, como em muitos outros que tem tomado sobre si o executar.

As photo-gravuras são do sr. Pires Marinho, incontestavelmente quem em Portugal está trabalhando, melhor, e mais n'este genero; o trabalho typographico é das officinas de *A Liberal*, do nosso amigo e collega Palermo de Faria, uma das officinas que, em Lisboa, está produzindo trabalhos dignos da attenção de todos, que, por méra curiosidade, ou por ter trabalhos a fazer, merece ser tomada na maior consideração.

O fim patriótico a que é destinado o producto da venda, tem-lhe dado um ver-

dadeiro successo, como a digna commissão não esperava; a tiragem foi de 6:012 exemplares.

Além d'isso, a commissão tem recebido valiosos donativos em dinheiro e em objectos, alguns de subido valor.

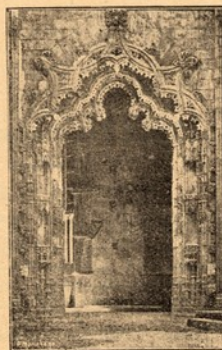
Recommendamos estes bilhetes a todos os nossos assignantes e leitores, a quem os enviaremos, mediante a remessa da sua importancia; podem ser enviados pelo correio, como bilhetes postaes, ficando por esse facto carimbados devidamente.



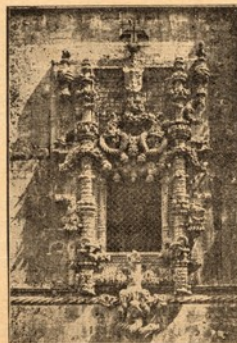
RETRATO E RUBRICA DE VASCO DA GAMA



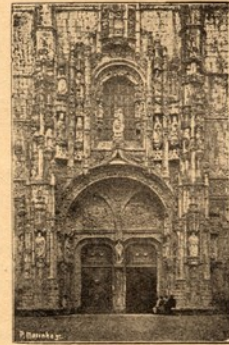
S. RAPHAEL



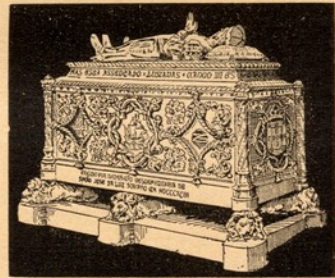
PORTA DO CONVENTO DA BATALHA



JANELLA DO CONVENTO DE CHRISTO



PORTA DA EGREJA DOS JERONYMOS



TUMULO DE VASCO DA GAMA

União dos Atiradores Civis Portuguezes

Commissão installadora

SESSÃO DE 4 DO CORRENTE.—Presentes os srs. dr. Cunha Bellem, Anselmo de Sousa, Eduardo Noronha, Fraga Pery, Antonio C. Pinheiro, José Pinheiro de Mello, F. Paula e Mello, Pedro José Ferreira e Gil Dias.

Depois de se tomar conta do expediente, fôram discutidos varios assumptos.

E. de Noronha apresenta modelos para propostas de socios, recibos de quotas, matricula, etc., tudo approvado.

A. de Sousa propõe que o premio da *União* para o concurso nacional tenha o nome de premio *Caldas Xavier*; sobre esta proposta falam muitos dos socios, fazendo o sr. dr. Cunha Bellem um brilhante e caloroso elogio do illustre extincto, sendo approvado o nome proposto para o premio, e que este não seja inferior a 100\$000 réis, diligienciando-se que seja em moeda do centenario.

Resolveu-se tambem entregar ao sr. ministro do reino uma representação para que os atiradores possam mandar vir armas de guerra, para seu uso, depositando-as na carreira de tiro.

Tratou-se da representação no cortejo civico e outros assumptos, ficou assente que as reuniões da commissão fôsem ás quartas feiras. Approvou-se um voto de agradecimento á digna *Associação Com-*

mercantil dos Lojistas de Lisboa, por ter emprestado um gabinete onde, provisoriamente, são as reuniões.

SESSÃO DE 14 DO CORRENTE. — Presentes os srs. dr. Bellem, A. de Sousa, E. Noronha, C. Pinheiro, Pedro J. Ferreira e José Antonio Nunes.

Fraga, justifica a sua falta por carta e comunica as resoluções de que fôra encarregado, entre ellas de que vae a bom caminho o conseguir-se o carro para o cortejo, e que, o sr. ministro da guerra está prompto a receber a comissão installadora.

E. de Noronha, secretario, comunica que já recebeu a lista dos socios do *Grupo do Atheneu* que adheriu á *União*.

Resolveu-se mais que a comissão se apresente tambem ao sr. ministro do reino. Approvou-se a circular que vae ser expedida a todos os socios da *União*.

São apresentadas três propostas de novos socios.

A nova reunião é na quarta feira 20 do corrente.

Sr. redactor. — Agora que a comissão de que v. é mui digno vice-presidente vae tratar de levantar o tiro civil no paiz, permitta-me me arrojear a lembrar alguns alvitres que muito concorreriam para esse fim.

Julgo que a quota a pagar pelos atiradores que formarem a *União* deve ser modica, isto é á altura da bolsa dos mais pobres, pois é n'estes que se acha a chamada *carne de canhão*. Uns 200 réis mensaes, o maximo. Esta importancia deveria ainda, na maior parte, ser-lhe devolvida, em cartuchos, pela fórma seguinte:

Cada socio da *União* teria, pela associação, direito á dotação annual de 100 cartuchos, gratuitos, para instrucção na carreira de tiro, sendo destinados aos do 1.º anno de instrucção: 30 á distancia de 100^m; 30 á de 200^m; 20 á de 300^m e 20 á de 200^m, repetição. Nos seguintes annos o consumo da dotação seria á vontade do atirador. Os actuaes atiradores já premiados ou que tenham obtido no seu tiro a percentagem, em média, de 50 % ou superior, consumiriam logo no 1.º anno a dotação ás distancias e alvos que desejassem.

Para regular a frequencia á carreira e o consumo das dotações, estabelecer-se-hia que os socios (numerados seguidamente por ordem de matricula) teriam direito ás suas dotações nos seguintes dias:

No 1.º DOMINGO DE CADA MEZ

Os socios cuja numeracao fôsse de 1 a 25, 101 a 125, 201 a 225, 301 a 325, etc.

No 2.º DOMINGO DE CADA MEZ

Os que tivessem a numeracao de 26 a 50, 126 a 150, 226 a 250, 326 a 350, etc.

No 3.º DOMINGO DE CADA MEZ

Os numeros de 51 a 75, 151 a 175, 251 a 275, 351 a 375, etc.

No 4.º DOMINGO DE CADA MEZ

Os numeros 76 a 100, 176 a 200, 276 a 300, 376 a 400, etc.

Nos mezes em que houvesse um 5.º domingo destinar-se-hia este aos atiradores que tivessem faltado em algum d'aquelles; e que, pelo numero, lhes pertencesse a dotação.

As dotações seriam consumidas nos dias acima designados, não podendo o atirador accumulal-as nem transferil-as d'um dia para outro.

Os cartuchos da dotação não consumidos pelo atirador seriam considerados sobras, e a sua importancia destinada a premios.

Além d'estas vantagens muitas outras a *União* poderá obter para os seus socios, por exemplo:

DO GOVERNO

1.º Que aos socios com boa frequencia á carreira e uma percentagem no tiro, em todos os alvos, não inferior a 50 %, quando chamados pelo recrutamento ao serviço activo do exercito, tivessem direito a licença registada durante todo o ultimo anno do alistamento, excepto no periodo de grandes manobras ou alteração de ordem publica, etc.

2.º 25 % de abatimento no preço do cartuchame para as dotações aos atiradores da *União*, e ainda para os cartuchos que os mesmos comprassem á sua custa.

3.º 50 % de abatimento nas licenças para porte d'arma, fóra dos actos d'instrucção de tiro.

4.º Licença, gratuita, para possuir uma arma de guerra d'um dos modelos adoptados no exercito portuguez, o que constituiria uma reserva de armamento.

DA COMPANHIA REAL DOS CAMINHOS DE FERRO PORTUGUEZES

50 % de abatimento nos transportes, ida e regresso, para a carreira de tiro aos atiradores da referida *União*.

Outras vantagens ainda se poderiam obter, mas umas já tem sido tratadas e outras afiguram-se-nos de menor valor.

Desculpe v. estes devaneios d'um entusiasta do tiro civil e creia-me

Att.º ven.

Lisboa, 10-4-98.

Z.

Este documento, com que estamos de accôrdo em muitos pontos, enviámo-lo á comissão encarregada de elaborar os regulamentos da *União*, para ella o tomar na devida consideração.

Muito folgaríamos que os atiradores se interessassem deveras por este assumpto e nos enviassem os alvitres que lhes suggerissem os interesses do tiro nacional; era um grande serviço feito a todos.

Os desafios de tiro á bala

No domingo 3 do corrente, realisou-se o 6.º desafio de tiro. Muita concorrência e muita animação.

As armas foram as *Manlicher* da nossa infantaria de marinha, armas que, repetimos, são magnificas para atiradores civis.

No desafio entraram 48 atiradores, e frequentaram a carreira 82. As classificações foram como de costume feitas pelo sr. Eduardo de Noronha e pelo director d'esta revista.

Eis o resultado do desafio.

Oscar Blanc, 24 balas acertadas; premio 10\$000 réis.

R. Rogenmozer, 24 idem; premio, 6\$360 réis.

Antonio J. da Silva, 21 idem; premio, 5\$000 réis.

F. Gonçalves Rita, 20 idem; premio 5\$000 réis. Foram mais classificados os seguintes atiradores:

G. Heitor Ferreira,	24	balas acertadas.
J. Carrilho Garcia,	23	>
Eduardo J. Aldim,	21	>
A. Lopes d'Azevedo,	20	>
Fraga Pery,	20	>
J. M. Carvelia,	18	>
Ignacio Franco,	17	>
J. Albertino de Moura,	16	>
Agostinho M. Sousa,	16	>
M. J. de Magalhães,	15	>
J. C. Pedrozo,	15	>

SECÇÃO ESTRANGEIRA

SUISSA

Tiro federal de 1898

Na sua sessão de 4 de abril, presidida pelo sr. Comtesse, o *comité* d'organização decidiu, em vista do relatório do *comité* das subsistencias, que os vinhos suissos além dos vinhos de honra e dos vinhos de festa, poderão ser vendidos na cantina por dois francos cada garrafa.

O sr. de Meurou apresentou um contracto feito com os srs. Sandog e Breitmeyer, de Chaux-de-Fouds, para o fornecimento de 700 relógios de prata. Este contracto foi acceite.

Será organizada uma exposição dos principaes premios em Neuchâtel e nas diferentes cidades suissas.

A marcha dos Armouris, instrumentada pelo sr. José Lauber, está adoptada como marcha official do tiro federal.

O *comité* acceitou, por proposta do sr. Perrier, um appello á população de Neuchâtel, convidando-a a formar *comités* de bairro com o fim de organizar a decoração da cidade.

O *Comité* da imprensa do tiro federal recebeu do sr. Afan de Rivera, da parte do ministro da guerra de Italia, uma carta nos seguintes termos:

«Roma, 14 de março de 1898.

«O ministerio apreciando os louvaveis esforços do *Comité* da imprensa para assegurar o exito do tiro federal suizo, que se realisará em

julho proximo, confia que muitos dos atiradores italianos quererão tomar parte n'esta festa das armas, tão justamente louvada entre o povo suizo.

«Para a auxiliar, o ministerio terá o cuidado em tempo proprio, de instar junto das direcções provinciales do tiro ao alvo, afim de que as sociedades que d'ellas dependem enviem numerosos representantes ao concurso de Neuchâtel.

«A comissão executiva do concurso general, com séde no ministerio, está persuadida que os atiradores italianos se dirigirão em quantidade a Neuchâtel, se os atiradores suissos são largamente representados no concurso de Turim.

Pelo ministro

(a) AFAN DE RIVERA.»

Inglaterra

UM NOVO CANHÃO DE TIRO RAPIDO

Está n'este momento em experiencias um novo canhão de tiro rapido, no arsenal de Portsmouth, sob a direcção d'uma comissão technica composta de engenheiros e officiaes de marinha britannicos.

Ainda que estas experiencias estejam envolvidas n'um grande mysterio, estamos habilitados a dizer que os resultados obtidos até agora tem sido notaveis, principalmente debaixo do ponto de vista do alcance e justeza do tiro.

Com uma carga de 12 kilogrammas de cordite, a nova arma pôde arremessar um projectil, com o peso ordinario, a mais de *dezoito mil metros*. Ora, o canhão de tiro rapido actualmente usado na marinha ingleza e considerado como o mais perfeito de todos, nunca alcançará além de dez mil metros. Os nossos canhões do ultimo modelo tem pouco mais ou menos o mesmo alcance.

Mas o que pensar d'uma arma que, estando collocada no cume do Mont-Valéric, por exemplo, poderia devastar, com uma precisão algum tanto mathematica, todo o parque e o castello de Versailles, a dezoito kilometros de distancia?

O novo canhão que não está ainda senão em experiencias, foi construido nas officinas de Vickers, em Sheffield, sob a direcção de M. Maximo.

Italia

PENETRAÇÃO DA ESPINGARDA ITALIANA MODELO 1891

O capitão italiano de artilheria, Antonio Cassino, mestre d'armas e de tiro na Escola Militar de Modène, acaba de publicar uma obra muito completa, tendo como thema a penetração dos projecteis das armas portateis. O auctor dá, n'este volume, conhecimentos ineditos concernentes á espingarda Carcano-Mannlicher, modelo 1891, de que a infantaria italiana está inteiramente munida ha já bastante tempo. Estes conhecimentos são interessantes debaixo de todos os pontos de vista e não devem passar despercebidos, motivo porque nós julgamos util resumil-os em algumas linhas.

A bala da espingarda italiana, modelo 1891, tem 6 ^m/₁₀ de diametro, pesa 10 gr. 45 e tem 30 millimetros de comprimento, sendo a sua velocidade inicial de 700 metros e a sua velocidade de rotação de 3:500 voltas.

Entre as numerosas experiencias que, com as diversas armas, se fizeram em Italia sobre a penetração d'este projectil, apontaremos as seguintes:

Em resumo, segundo as indicações do capitão Cassino, os abrigos, entrincheiramentos, etc., não deterão os projecteis da espingarda Carcano-Mannlicher de 6 ^m/₁₀ senão quando apresentarem as espessuras seguintes, calculadas pelos resultados dos tiros prolongados e effectuados a pequenas distancias:

Terra vegetal ordinaria, molhada.....	1 ^m .50
Terra vegetal ordinaria, secca.....	1 ^m .10
Terra argilosa ou calcaria.....	1 ^m .50
Terra areienta.....	1 ^m
Areia.....	0 ^m .80
Seixo ou cascalho entre pranchas.....	0 ^m .20
Madeira macia.....	1 ^m .40
Madeira rijã.....	0 ^m .70
Muros de tijollos.....	0 ^m .60
Chapas d'aço macio ou de ferro forjado.....	16 ^m / ₁₀
Chapas d'aço rijõ.....	8 ^m / ₁₀
Neve pulverulenta.....	4 ^m

E todos estes numeros devem ser reduzidos do terço do seu valor, se se quiser obter a espessura dos parapeitos e abrigos capazes de resistirem aos projecteis da espingarda de 8 ^m/₁₀, sempre a pequenas distancias.

O auctor termina afirmando que, de todas as espingardas em serviço, a espingarda italiana,

modelo 1891, deve ser indiscutivelmente collocada em primeiro lugar, e pondo os seus leitores estrangeiros de prevenção contra a falsa asserção de que as tropas italianas se tivessem servido d'estas armas na batalha de Adona.

Secção litteraria

Bulhão Pato

III

(Continuado do numero antecedente)

O dia 8 de setembro era o escolhido por Bulhão Pato para a abertura das suas caçadas do inverno no sul do Tejo, e o sitio preferido o juncal da Trafaria.

A meia hora de caminho de Lisboa, com uma travessia encantadora n'esses formosos dias do outono, tinhamos alli, por assim dizer, a nossa coutada — nossa e de poucos mais, felizmente. Os outros frequentadores eram os ranchos de José Maria Villar, e de João Lourenço, ambos creados da Casa Real, e os srs. Gourlades, da Junqueira. Os caçadores de Lisboa, a uns desviava-os d'alli o terem de ir em barco de vela, e a outros levava-os para os pinhaes de Corroios a ambição das galinholas. Assim divertidos de concorrerem comnosco, era raro encontrarmos competidores.

Quando, pelas cinco da manhã, eu chegava, equipado e armado, a casa do poeta, que morava então—1867—na rua das Praças, á Lapa, já lá estavam, sentados á porta, dois vultos, que de longe e pelo escuro eu não distinguia:—eram o Lourenço da Pinha, o nosso barqueiro de Belem, e um dos filhos.

O bairro jazia, as ruas eram ermas, mas lá dentro tudo estava a pé. A morada do poeta, que ainda hoje conserva o mesmo aspecto, é sobre si e tem a apparencia d'um *cottage*—rez-do-chão, primeiro andar, e sobre este, outro pavimento mais baixo, com quatro janellas, d'onde se disfructa, por cima dos telhados fronteiros, o Tejo—vista que tanto realça e alegre a casaria d'aquelles bairros da Lapa e de Buenos Ayres.

O *Faliero* e a *Medora*, já dispertos, latiam no canil, ruidosos e contentes; na cosinha o José, robusto e sympathico rapaz, honra da raça d'além Minho, com as suas botas d'agua, a camisola de flanela em listas, a sua cara sempre alegre, e a Maria, a creada, davam a ultima demão nos aprestes do almoço e no arranjo das bagagens, porque, ás vezes, estas excursões duravam dias. O poeta, installado no seu quartel general venatorio, em casa da sr.^a Maria do Adrião, na Costa, havendo caça e dias amenos, deixava-se lá ficar, até que algum sueste bravio, dos que costumam açoitar aquella planicie d'areia, o forçava a levantar vôo e recolher aos abrigos da cidade.

A primeira pessoa que eu via áquella hora matinal, e que no alto da escada me dava os bons dias, era sua irmã a sr.^a D. Maria da Piedade, com o seu ar senhoril, e a sua voz alta e vibrante. Muito parecia nas feições com elle, não o era menos no fino espirito e na amenidade do trato. Mais velha do que Raymundo foi, por assim dizer, a sua segunda mãe. Acompanhou-o na vida, e tudo com elle partilhou—a gloria e a adversidade. Tinha um animo varonil a illustre senhora: aquel-

les primeiros annos da sua mocidade, passados em Hespanha, no meio das guerras civis, deram-lhe a tempera. Era uma alma forte, e por isso mesmo equal, serena e resignada, na boa e na má fortuna.

Estes Bulhões são de bom e antigo sangue. Manuel de Bulhão foi um homem em toda aaccepção da palavra—honrado, forte e valente.

Transposta esta primeira estação, em cima estava o poeta, já a pé, vestindo-se, e espreitando pelas janellas de sul e sueste o cariz do ceu, e o rumo do vento, e fazendo o prognostico da caçada.

Alli era o seu miradouro, o seu gabinete de trabalho; alli recebia os seus intimos, alli compunha os seus poemas. Apontamento modesto e simples, que tinha nas paredes, por unico ornato, uma cercadura feita com os bellos retratos dos contemporaneos illustres, gravados por Souza, para a *Revista Contemporanea*.

La eu subindo a pequena escada de dois lanços, e já o ouvia fallar.

—E's tu, Zacharias?

E logo, em seguida, quando eu abria a porta:

—Temos caçada. O dia esplendido! Já lá está o Lourenço?

E depois, sempre poeta, trocadas as primeiras palavras, dizia, com a sua mascula e bella voz, os conhecidos versos da *Chacara da Nasareth*:

Manhãs frescas de setembro,
quando orvalho está a cair,
frescas manhãs de setembro,
quem n'as podera dormir!

E saltava para estes,—tão vivos, que todos os dirão d'um caçador!

Vôam corseis e sabujos!
Apupa, apupa, clarim!
Que esta sina de fraqueiros,
não tem descanzo, nem fim!

E como commentario, a fechar, dizia:

—Deixa-os lá. E' um grande poeta.

A toilette estava terminada. Afivelado o cintro, mettidas n'elle as luvas de camurça, dando um relance d'olhos em volta do quarto, como a despedir-se:

—Agora vamos ao café, que sem esse viatico não ficamos amanhados. Vae tambem uma golada de cognac? A manhã está fria.

E, pondo-me a mão no hombro:

—Rapaz, rapaz, dizia-me elle — estás nos teus vinte annos! . . .

Datavam de pouco as nossas relações; eu tinha então vinte e sete annos cumpridos, elle devia ter trinta e seis. Os meus vinte já lá ficavam para traz na estrada, mas eu, felizmente, sempre fui mais novo que a minha idade. E ainda hoje tenho esse defeito. Surprehendo, as vezes, em mim ingenuidades infantís — auroras, esplendores, e soes poentes de dias, que ha muito passaram... Na minha memoria evoco esses phantasmas, que me apparecem vivos, e travo dialogos com elles... E tudo isto é *pela força do muito imaginar*. A phantasia, a memoria viva, fazem-nos o milagre d'estas resurreições!

Tomado o viatico, accesos os cigarros — Pato prefere a *cigarrilla* ao *havano* — despediamo-nos de D. Maria da Piedade, e partiamos. Ella ficava — algumas vezes tambem nos acompanhou n'estas excursões — mas nós tinhamos a certeza de que o seu pensamento nos não desamparava, porque no seu espirito, como no de todos, á idéa da caça andava associada a do perigo.

Desciamos a rua de S. Domingos e

chegavamos á rocha do Conde d'Obidos, atravessando as ruas, ainda desertas. Os Lourenços e o José tinham marchado na frente com as bagagens.

Assim abriam para nós esses dias—sempre saudosos. Madrugadas alegres de rosado oriente e ceu d'anil, ou manhãs pardacentas, humidas e tristes, encontravam em nós o mesmo animo. Nos dias bonitos tinhamos a crença; nos feios era a esperança, e em todos a grande poesia da mocidade. . .

O tempo voou, mas, todos os annos, nos primeiros dias de setembro, nas lindas madrugadas do outono, serenas e cheias de luz, lembro-me com saudade de quando, ao entrar no quarto do poeta, eu era saudado com os versos da caçada do Alcaide-Mór de Afonso Henriques:

Manhãs frescas de setembro,
quando orvalho está a cair

Aquella rocha do Conde d'Obidos—assim chamada por ser alli junto o solar, o palacio d'aquelles illustres fidalgos—vemol-a hoje mascarada com parapeitos, varandas, e escadas, e coroada, no alto, com uma pequena praça ajardinada, donde se gosa a linda vista do nosso rio. *Quantum mutata ab illo!* Era então toda equal a uma nesga, que ainda lá se conserva—uma encosta pedregosa, adusta pelo sol, batida dos ventos, escaldada pelas chuvas, coberta aqui e alli por uma vegetação rachitica e parda. Um trecho da natureza selvagem, uma verdadeira arribada do mar!

Descia-se para o rio por um longo corredor, entre dois muros—um do palacio, o outro da cerca do convento das Albertas — e a escada que conduzia ao pequenino caes, lá em baixo, era um verdadeiro quebra-costas,—tortuosa, de degraus irregulares, abertos uns na rocha, outros na terra! Do alto da rampa, verdadeiro precipicio, vi eu, um dia, sendo muito novo, cair um marinheiro inglez cbrío. Um horror!

Parece impossivel que aquillo fosse, até os nossos dias, um dos caes de desembarque d'esta bella cidade! Era ahi que embarcavamos.

Arrumadas as malas, seguros os cães, os remos caíam na agua.

—Jesus! dizia Lourenço.

—Maria! seguindava o filho.

E o catraio seguia, de voga arrancada, rio abaixo, direito á Trafaria, quando não a Belem, onde iam buscar o João Lourenço—o João da Burra, como lhe chamavam desde pequenino, d'uma burra com que elle, da sua villa nos arredores—Cintra, creio eu—costumava vir á cidade.

Caçador de El-Rei D. Luiz, morava elle em Belem, e quando não tinha serviço no Paço, acompanhava-nos n'estas digressões ao Juncal.

De boa estatura, e robusto, o olho pequeno e vivo, a tez rosada, as feições regulares, o nariz aquilino, João parecia um abbaide minhoto, dos que tem bons presuntos na dispensa e bom vinho na adega.

Boa espingarda, bom garfo, bom copo, bom rosto, e, portanto, bom companheiro, era, além de tudo isto, fino como um coral. Rapaz, filho do povo, fizera-se homem na cidade; tinha, o que é raro nos homens da sua classe e profissão, aprendido a sciencia difficil de se manter sempre no seu logar, mas, quando queria obsequiar al-

guem, fazia-o com a gentileza d'um fidalgo.

Um exemplo.

Homem videiro, abria elle em Belem, defronte dos Jeronymos, um restaurante, a que poz o nome d' *Caçador*. Um dia, em que eu fui visitar a egreja—é um dos meus divertimentos—demorei-me mais, e eram horas de jantar, quando de lá saí. A minha casa ficava longe, e eu dirigi-me ao *Caçador*.

Prevenindo já a hypothese de lá estar o dono, entrei pela porta do lado. O creado que veio receber as minhas ordens, parece que me conhecia, porque elle a voltar costas, e João a apparecer com o seu rosto prasenteiro. Eu disse-lhe o que queria, elle sentou-se no logar fronteiro, e travámos a conversa, é claro, sobre a materia vasta—a caça, e artes e historias correlativas.

Quando eu ia no fim do primeiro prato, João, tomando os ventos, disse-me:

—Está-me cheirando bem isso. Parece-me que lhe faço companhia. José, traze tambem para mim.

E jantámos os dois, entremeiando o paio com ervilhas, e as cirozes grelhadas, com historias, algumas mais salgadas do que os guisados, que iam saboreando.

Quando accendemos os charutos, e eu pedi a conta, elle fez um signal ao servo, que desapareceu, e logo voltando-se para mim:

—V. Ex.^a deu-me a honra de jantar commigo na minha casa, e eu estou pago. Não deve nada.

E' claro que não insisti. Se teimasse, eu é que era malcreado.

Tempos antes fizera-lhe eu uma pequena fineza, e elle quiz-me mostrar que não a havia esquecido. Podia contar d'elle outras historias, mas esta basta.

João Lourenço trazia comsigo, para as nossas caçadas, os seus cães, na companhia dos quaes vinham alguns, que pertenciam á Casa Real, e que, seja dito de passagem, não envergonhavam os nossos. E não trazia só isso; muitas vezes trazia tambem o seu pittoresco trajo do Real serviço, e com elle vinham outros caçadores da Casa, bem vestidos e armados, e bons atiradores.

Quem visse então no Juncal Bulhão Pato e os seus amigos com aquella comitiva de caçadores, perdigueiros, e batedores do sitio, que se nos agregavam, e atentassem na chapa, com as armas reaes de prata reluzente, que ornava o chapéu á *Mosqueteira* do nosso moço do monte, cuidaria que eramos alguns principes saciados de caça, que, para variar o menu cynegetico de Mafra e Villa Viçosa, iam, pedestre e burguezmente, atirar alli ás codornizes e narcejas.

Caçadores reaes e verdadeiros eramos nós, e principes tambem ás vezes iam dós: um era Lopes Cabral—que nós elevamos a essa dignidade, o outro tinha-se elevado a si mesmo, era Bulhão Pato—mas o seu principado era, e é, na... Republica das Lettras. Tem menos fausto, menos representação, e incomparavelmente menos rendimentos, mas tem sobre os outros uma vantagem, uma absoluta superioridade: os seus subditos podem não lhe tirar o chapéu, podem discuti-lo, podem não o ler—que é a maxima affronta, mas o que não podem é obrigar-o a abdicar!

As corças dos poetas estão acima das revoluções.

(Continúa.)

ZACHARIAS D'ÁÇA.

Lueta d'um touro com um tigre

Os jornaes do reino visinho deram opportunamente a noticia d'este espectáculo sensacional e os do nosso paiz succintamente a reproduziram; parece-nos, no entanto, que aos leitores de *O Tiro Civil* não pôde, de nenhum modo, desagradar seguir, passo a passo, em todas as suas peripecias, este combate das duas feras, qual d'ellas a mais terrivel e encarniçada, não sendo facil presuppôr, como se vae ver, nas primeiras arremetidas, a qual de direito a victoria pertenciera.

E', pois, essa lueta sangrenta que vamos referir, soccorrendo-nos, para esse fim, d'uma correspondencia enviada de Madrid para a *Estrella Belga*—Eil-a:



Egas Moniz Barreto do Couto
Cavalleiro amador. Fallecido em 10 de novembro de 1894

«Foi na Plaza de Madrid que se realiso este espectáculo extraordinario, a lueta d'um touro andaluz com um tigre real, no mez de janeiro ultimo, na presenca de mil trezentas e tantas pessoas.

O tigre, Cesar, é um animal soberbo de Bengala, que pertencia ao domador Spenardi; este, não só não conseguiu nunca domar-o, mas muita vez tambem se achou em risco de ser victima das suas garras; foi esta a razão pela qual resolvêra vendê-lo por seis mil francos ao director da Plaza. Quanto ao touro, Regatero, é um soberbo andaluz de raça muito brava.

E' preciso, primeiro que tudo, dizer que o recontro dos dois adversarios não se effectuou na arena habitual destinada ás corridas, visto como a trincheira tendo poucos metros de altura, Cesar, certamente, não teria resolução mais prompta a tomar do que saltar por cima e, d'uma maneira intempitiva, abrir caminho pelo meio dos numerosos espectadores.

Tinha-se, pois, construido para esse fim, no meio da arena, uma grande jaula de ferro octogonal, com dezeseis metros de periphéria e quatro metros de altura.

A's tres horas da tarde, quando todos os logares já se achavam tomados, um toque de clarim annuncia que chegou o momento solemne, e o publico, ansioso, vê

entrar na arena dois furgões que contêm um o touro, e o outro o tigre.

E' o touro o primeiro introduzido na jaula principal, na qual começa a correr d'um para outro lado, mugindo; com as patas escarva o solo e arremessa para todos os lados areia e nuvens de pó; as ventas fumegam-lhe; os olhos, como que injectados de sangue, lançam, para toda a parte, medonhos olhares...

A seu turno, fazem entrar o tigre. D'um pulo só, com um rugido que faz transir de medo a multidão estupefacta e silente, precipita-se ao encontro do touro, evita-lhe a marrada e engalfinha-se-lhe sob a barriga, cravando os dentes na barbeta e as garras nas espaduas.

O touro fica immovel durante cerca d'um minuto; as mãos curvam-lhe e todos os espectadores têm o mesmo pensamento:

—Pobre do touro... O tigre já lhe bebe o sangue!

Mas, de repente, aproveitando sem duvida uma occasião em que Cesar descerra os dentes para os cravar em outra parte, ergue-se com energia, sacode-se com violencia e taes movimentos consegue imprimir as pernas que o tigre é obrigado a largar a preza, rolando pelo solo.

O touro não lhe dá tempo para sustentar a defensiva, e com uma marrada atira-o ao tecto da jaula; o tigre cahe outra vez estonteado. De novo com os chifres o touro atira ao ar o adversario, e assim seguidamente umas cinco ou seis vezes, como faria a uma trouxa de roupa, apertando-o furiosamente contra as reixas da jaula.

Quando Regatero deixou a victima, esta jazia extendida no solo sem fazer um unico movimento. E, freneticamente, a multidão applaudia, exclamando:

—O tigre está morto! Viva o touro! Viva!

O touro, com a cabeça erguida, o olhar em fogo, posta-se ao centro da jaula, mugindo, voltado para o tigre, em attitude de novamente o desafiar. Como visse que este se não mexia, acerca-se e fareja-o.

Cesar não está morto, mas é como se estivesse: finge-se morto para enganar o inimigo. Mal o touro se aproxima, levanta-se subitamente, abre uma fauce medonha, antes do touro ter tido tempo de lhe dar uma nova marrada e crava-lhe os dentes acerados no focinho. N'este momento, Regatero fica privado de todos os movimentos, presumindo-se que seria elle agora o que succumbiria.

No entanto, em breve conseguia novamente escapar-se-lhe e o tigre é então horrivelmente espesinhado. Em seguida, toma-o do novo nos chifres, e atira-o ao ar reiteradas vezes como se fôra uma pela. Alfim, o tigre, cahindo uma ultima vez por terra, estende as mãos e as pernas, crispando as garras, e fica immovel: d'esta vez decididamente estava morto!

Abre-se a jaula, o touro sahe rapidamente para fóra; e, depois de ter recebido freneticos applausos, volta de novo para o curro.

A porta da entrada da jaula é posta em contacto com o furgão, para o caso em que o tigre não estivesse morto. Mas, oh, surpresa! Mal o furgão foi collocado junto da jaula, Cesar resuscita como por milagre, olha attonito em torno de si, como para se certificar de que o touro já alli não está, e d'um só salto entra no furgão.

O astucioso felino de novo se fingira morto para não ser trucidado pelo adversario!

Cesar, comtudo, ficou não pouco ferido: cinco costellas partidas e a barriga lacerada em mais de uma parte. No entanto, como os felinos têm muita vida, ha as melhores esperanças de o poder salvar.

Não é a primeira vez que essas luctas de bestas feras se têm effectuado na *Plaza de Madrid*, onde já se viram ursos, leões, pantheras, tigres e elephantes em combate com touros bravos e, quasi invariavelmente, eram estes ultimos os vencedores.

São o homem e o elephante os unicos capazes de vencer o touro indomesticado.

Tradução de

ERNESTO VIANNA

CAÇA

A festa de Santo Huberto em Berlim

Denomina-se assim uma festa cynegetica que, todos os annos, se realisa na capital do imperio allemão e que, parece, diverte muitissimo os berlinezes.

E' em Grunewald, dominio imperial situado entre Berlim e Postdam, que ella se organisa, limitando-se a uma caçada ao javali effectuada em condições tão extravagantes que merece mais o nome de um verdadeiro entremez do que aquelle que deve dar-se a um acto praticado com caracter de seriedade.

Diremos como se realisa:

Alguns dias antes d'aquelle em que se levá a effeito esta famosa festa, apartam-se d'uma vara de porcos expressamente reservados para este fim, os que se mostram mais ageis e, para que não possam rasgar a barriga dos heroicos Nemrods que tem de lhes dar caça, espoliam-se dos colmilhos; depois na propria presença do imperador, são obstinadamente perseguidos pelos caçadores, na sua maior parte convidados da corte e officiaes da guarda imperial, que se julgam felicissimos, cremos nós, por martyrizarem assim animaes desarmados á semelhança da lucta que, em uma *plaza de toros*, se fere entre o toureiro amator, e um touro *embolado*, cujas marradas são tão inoffensivas como n'este caso, os dentes dos javardos.

Pois é verdade: em Berlim, no dia da festa de Santo-Huberto, os javalis de que se trata são tirados do seu parque e conduzidos diante dos caçadores, que são em grande numero, como em grande numero são os berlinezes que acodem ao local da festa para gozarem o espectáculo.

Aos pobres animaes, privados das suas unicas armas, deixa-se o campo livre por alguns minutos; depois—*heisa!*— são açados por cães e caçadores e lachados ante o dilirio da grande massa de gente que corre enthusiasmada atraz dos perseguidores das indefensaveis victimas.

Bestas e pessoas passam n'um turbilhão atravez de tudo, saltando valetas e vallas, calcando quintaes e jardins, e os pobres javalis, enlouquecidos pelo impeto da covarde perseguição, zigzagueiam em todas as direcções, atravessando os restaurantes montados ao ar livre, nas estradas, onde espalham um verdadeiro panico.

Uma vez, um d'estes quadrupedes, invadindo a sala d'espera d'uma estação de caminho de ferro, fez desmaiar as mulheres e saltar os homens pelas janellas ao mesmo tempo que, cheio de medo, se acaçapava atraz do buffete, onde, para o desalujar, soffreu as maiores atrocidades.

Esta entrudada de caça dura uma ou duas horas; em seguida, a corte e os seus convidados recolhem em boa ordem a Berlim; no entretanto, a turbamulta, cheia d'alegria, invade as tabernas e precipita-se sobre essas caldeiradas de hortaliça e carne de porco, d'antemão preparadas para esta grande patuscada de todos os annos.

Estes comestiveis, desafiando a sede, pode-se imaginar quanta cerveja não desliza por aquellas caridosas guelas!

E tal é em Berlim a festa de Santo Huberto, patrono dos caçadores.

Porto, fevereiro de 98.

Trad. — B. DE SA.



Manuel dos Santos

Um dos modernos toureiros que mais se tem salientado

Caçada aos Javalis

Divisão da Caça

HOJE as caçadas aos javalis estão sendo bastante frequentes, umas vezes são as verdadeiras caçadas, promovidas por um grupo de caçadores, com o fim unico de se divertirem, outras vezes são as montarias, ou batidas, promovidas pelos povos que mais prejuizos soffrem nas suas propriedades, causados pelos desbastadores animaes.

Não só a titulo de curiosidade, como d'instrução cynegetica, porque decerto é novidade para muitos caçadores, passo a dar uma noticia sobre o modo como se divide o javali, ou javalis que n'uma caçada, ou montaria forem mortos.

Em geral, quando ha a verdadeira caçada, entre bons companheiros, o porco é dividido amigavelmente, e cada um escolhe a parte que mais lhe agrada. Quando porém queiram levar a divisão a rigór, isto é, como manda a praxe, ou lei, o que succede quasi sempre nas batidas ou montarias, então proceder-se-ha do seguinte modo:

Na caçada, ou na montaria, entram emprazadores, caçadores ou atiradores, batedores e cães; pois a todos a lei dá o seu quinhão.

Talvez muito amator de caça não saiba o que é o emprazador; mas fica já sabendo, e em poucas palavras, como o ensina o dictionario de Fr. Domingos Vieira = emprazador, monteiro que observa o sitio da caça para se fazer a batida.

Como o javali sae de noite a pastar, e de dia está escondido no matto, o emprazador no dia

da caçada, ou montaria, de manhã, vae ver se encontra o rasto da caça, e se pode descobrir para onde ella deve estar escondida.

Depois do emprazador indicar o sitio onde desconfia estar a caça, cerca-se tudo, ou os pontos mais provaveis de sahida, chamados portos, com os caçadores, e depois d'estes estarem nos seus postos, é que entram os batedores e os cães.

Morto o javali, passa-se á divisão immediatamente.

Pode haver um ou dois emprazadores, ou um ou dois grupos; em geral é só um.

Sendo só um, pertence-lhe os quatro membros, mãos e pernas, cortadas do tronco, seguindo duas linhas paralelas que partem respectivamente das extremidades das prezas (axillas e virilhas) da raiz dos membros até ao fio do lombo, (columna vertebral) isto é, pás e prezuntos, tambem chamados emprazas.

Sendo dois os emprazadores, ou dois os grupos, cada um fica com uma pá e um prezunto.

Se o javali é morto por um só caçador, sem que outro qualquer o ferisse, pertence-lhe a cabeça, o pescoço até onde chegarem as orelhas estendidas no sentido do tronco, e os miudos (figado, pulmões e lombos dos rins).

Quando porém o porco seja ferido por um caçador, e morto por outro, pertencem ao que feriu, os miudos, e ao que o matou, a cabeça com o pescoço até onde chegam as orelhas estendidas como já indiquei.

O resto do porco é dividido em quinhões eguaes por todos os batedores, cães, emprazadores e caçadores; note-se, os emprazadores, e caçadores tem ainda o seu quinhão na divisão geral, equal ao dos batedores e cães.

Não é permitido fazer preparo algum a porco para ser dividido, isto é, hade ser dividido sem ser chuscado, apenas para o primeiro que chegar ao pé d'elle, porque o porco pode ser ferido n'um ponto e ir morrer a distancia, ha a liberdade, e o direito, sem ter que esperar pelos outros companheiros, de lhe tirar os testiculos; de resto toda a divisão é feita depois de reunidos todos os que entraram na caçada, ou montaria, emprazadores, caçadores, batedores e cães.

Esta divisão é a que encontro nos povos d'estes sitios, e já não é considerada só uma questão de praxe, já é considerada como lei, porque ha uns sete annos foi a que servia de norma para judicialmente na comarca da Pampilhoa se resolver uma questão entre dois emprazadores, e o que perdeu, por se ter usurpado do que a praxe não permitia, foi condemnado nas custas e sellos do processo e ainda multado.

A proposito, na descripção da caçada que fiz para o n.º 135 do "Tiro Civil", emprego eu lá o termo *emprazar*, por *emprazar*, como deve ser, assim como *emprazador* e *emprazamento*, por *emprazador* e *emprazamento*. Tambem quando me refiro na divisão á parte que compete aos emprazadores, emprego o termo *emprazas*, que não encontro nos meus dictionarios, mas que é muito uzado n'aquelle sentido.

Na descripção vem tambem por erro typographico Caminha, por Coimbra.

E' effectivamente em Coimbra que vivem os srs Baratas, que herdaram de seu tio o fallecido fidalgo Manoel Barata, a quinta dos Padrões onde fomos caçar, e onde, segundo noticias que tenho, já depois da caçada dos dias 19 e 20, em uma pequena batida, appareceram 6 porcos.

Castanheira de Pera 9-4-98.

ARTHUR BEBIANNO.

Club dos Caçadores do Porto

PEDIRAM, effectivamente, a sua escusa de vogaes da direcção d'este Club, por motivos puramente particulares, consoante m'o haviam manifestado depois da sua eleição em assembléa geral, os srs. Edmundo Maia Campos Silva, Julio Fernandes d'Oliveira e Luiz Ignacio de Moraes.

Procedendo-se a nova eleição para o preenchimento d'estes cargos, sahiram eleitos os srs. Luiz Fernandes Coelho Mexia, Aurelio Seara e Miguel de Mattos Almeida.

A direcção tenciona dar começo aos torneios de tiro no proximo domingo, 17 do corrente, deixando para mais tarde o chamado torneio inaugural.

Devido ao crescente entusiasmo pela Escola de Tiro, ás medidas repressivas de transgressão do *defeso*, que a direcção tenciona pôr em pratica, e a varios melhoramentos em projecto, têm sido admittidos bastantes socios, esperando-se que este anno atinjam um numero consideravel.

A direcção está disposta a levantar de novo, á sua custa, e muito melhorado, o pavilhão rustico destruido pelo vendaval de funebre memoria, occorrido na despedida do anno findo.

A obra já foi entregue a um habil construtor e estará concluida dentro em pouco.

Pensa-se em adquirir este anno, opportunamente, grande numero de perdizes para repovoação dos terrenos convisinhos do Porto onde estas aves tendem a extinguir-se completamente.

Porto, 14 de abril de 1898.

B. DE SÁ.

Um alvitre

SOB este titulo, publica *O Tiro Civil* uma carta do meu amigo e distincto confrade em S.^o Huberto, sr. Joaquim Pires dos Santos, que chama para ella a minha attenção e pede que fórme o meu juizo sobre o assumpto a que a mesma carta se refere. No proximo numero, se a isso se não oppozer a minha constante falta de vagar, responderei desenvolvivamente.

Porto, 14 d'abril de 1898.

B. DE SÁ.

Club dos Caçadores do Porto

RECEBEMOS o *Relatorio e contas de 1897*, d'este distincto club a que temos a subida honra de pertencer, pela extrema benevolencia dos seus illustres membros; honra de que jámais nos esquecemos. E' um documento muito importante e superiormente elaborado, como em geral o são, todos os que as suas direcções apresentam.

O estado financeiro do club, se bem que não é desafogado, por isso que tendo procedido a despesas avultadas com a installação da escola de tiro, hoje pôde-se considerar em via de perfeito equilibrio e, por conseguinte, a entrar n'essa vida desafogada que dará logar a que as suas illustres direcções o possam elevar á esphera de prosperidade que tanto ambicionam e merecem; por esse facto os nossos parabens e os nossos louvores a todos que tão corajosamente e com tão elevada intelligencia teem dirigido os seus destinos; não podemos fazer seleções, mas permitam-nos que affirmemos que ao nosso bom amigo Baptista de Sá, mui digno secretario da direcção, cabe, com certeza, um quinhão muito elevado nas glorias ali ganhas; glorias de dedicação, trabalho e amor, como a um filho querido.

Destacamos este nome, porque sabemos que elle está no coração de todos quantos fazem parte d'este club; que a modestia do nosso bom amigo nos releve esta expansão da muita amizade e respeito que lhe tributamos.

O relatorio tem uma magnifica pagina

em photo-gravura com a nota de todos os concursos effectuados em 1897, e os retratos dos atiradores mais premiados, por ordem de merito, que são os srs. dr. Pedro Ferreira, B. de Sá, Jacintho de Mattos, Albino Guimarães, João Pimenta, João Andresen, Alberto Andresen, Carlos Albuquerque, Manuel Arantes, Paiva Freixo, Luiz Ferreira, Santos Pinto e Heitor Antunes.

Da escola de tiro diz o relatorio:

«Sem uma Escola de Tiro, dissemos nós ha pouco, não teria razão de existir o Club dos Caçadores do Porto, e assim é realmente. No tempo da permissão da caça, ainda mal não vae ao caçador, porque se atira por esses montes e campos fóra, espingarda ao hombro e cães á frente, e lá vae desopilando o fígado e passando o tempo na esperança, as mais das vezes falsa, vã, de matar uma perdiz ao menos ou duas codornizes, que mais não podemos cubiçar no estado de escassez a que chegou a caça no paiz; mas no periodo defeso, no tempo em que o verdadeiro caçador consagra o seu respeito ás leis que os transgressores ultrajam, que seria de nós, socios do nosso Club, se não tivéssemos um pombo ou um pardal, um vidro ou uma esphera, para alvejar-mos as nossas espingardas e entretermos o nosso espirito?»

«As caçadas no monte foram-se em viatura velocissima para além d'um polo inacessivel; d'aqui a pouco desaparece igualmente aquella mesma esperança, as mais das vezes falsa, vã, que ainda nos attrahe ás excursões montezinas; e se não tivérmos então uma escola de tiro para n'ella atirarmos a um pombo ou a um pardal, para n'ella estilhaçarmos um vidro ou uma esphera, que ha-de ser de nós, socios do Club dos dos Caçadores do Porto?»

«E' preciso, pois, que a todo o transe, que com todo o sacrificio façamos por sustentar e progredir a nossa Escola de Tiro.

«Terminaram, como vos dissemos já, as obras n'ella, que nos iam obrigando a denominar-as de *Santa Engracia*; e, se não podemos gabar-nos ainda de possuirmos uma carreira de tiro modelo, podemos, todavia, dizer-vos que, para caçadores, não será necessario aspirar a muito mais.

Além dos concursos officiaes que era de costume realizarem-se, um outro se levou a effeito durante a nossa gerencia e por cuja realisação nos regosijamos grandemente: referimo-nos ao Concurso Nacional de Tiro a Chumbo, abrilhantado por illustres e emeritos socios do Club Instructivo de Caçadores de Vianna do Castello, Club de Caçadores de Villa Nova de Famalicao, Associação dos Caçadores Portuguezes e Associação Protectora da Caça em Tempo Defeso.

«Bonita como poucas, para nós, foi esta festa immorredoura; contudo, não deixou de ter o seu senão: não poderam tomar parte n'ella, como não tomaram parte no concurso, todas as sociedades de caçadores de Portugal, que, infelizmente, não são em copiosa escala.

«Como se vê dos mappas que em seguida vos apresentamos, foi a Escola de Tiro frequentada por 92 atiradores, que dispararam 11:289 tiros de chumbo e bala — 9:867 d'estes e 1:422 d'aquelles — não entrando n'esse numero os d'emenda, os que se deram em experiencias de cargas e aquelles de que não pudemos tomar nota.

«Nos torneios de tiro a chumbo utilizaram-se 9:867 alvos animados e inanimados, sendo pombos 1:268, passaros 2:936, placas de vidro 722, espheras de borracha 1:441, espheras vitreas 3:266 e pratos de barro 234.

«Nos torneios de tiro á bala empregaram-se 110 alvos, servindo alguns mais de uma vez.

«Se mettermos em linha de conta os tiros de emenda e todos aquelles que não figuram nos mappas, não desaceretaremos se dissermos que se consumiram na Escola, este anno, em numeros redondos, 70 kilos de polvora, 450 kilos de chumbo, 46:000 buchas e 14:000 cartuchos.

«Não se pôde classificar de diminuta a frequencia da nossa Escola, nem de pequena a quantidade de tiros disparados e a dos alvos que se gastaram; mas, com franqueza, muito mais merecia ella dos filhos de Marte e dos discipulos de Santo Eustachio.»

Codornizes

Tem entrado poucas d'estas saborozas galinaceas, o que não admira por ser cedo; dizem-nos dois nossos estimaveis assignantes, que no ultimo domingo sahiram á caça, que atirando a uma codorniz, ella foi ahir ao pé do ninho, que foi destruido

pelos cães, tinha 13 ovos já gerados; os cães *pararam* outra, essa estava no *chôco*, tinha 11 ovos.

São 23 codornizes de menos!

Estas codornizes são das que ficam por cá e fazem a criação nos nossos campos.

O defeso

DO nosso estimado collega *Commercio da Barca*, de Ponte da Barca, de 13 de março findo, transcrevemos com a devida venia, a local que se segue:

Principiou no dia 1 do corrente e termina em 15 d'agosto o tempo defeso.

Chamamos a attenção das auctoridades competentes para os abusos e infrações que se posam dar nas leis da caça, durante o tempo da sua prohibição.

E' necessario que todos concorram para que o defeso seja respeitado e que as auctoridades façam com que seja exercida toda a vigilancia contra os que caçam a tiro ou com armadilhas, e que sejam como a lei determina punidos os transgressores.

Seria de inteira conveniencia officiar n'este sentido aos srs. regedores das freguezias do con celho, pois que se todos cumprirem o seu dever estamos certos que no periodo da caça os caçadores terão em que se entreter, o que é de justiça.

Bom era que todos os nossos collegas das provincias, insistissem n'esta propaganda, seguindo este exemplo.

Associação dos Caçadores Portuguezes

NA sede d'esta associação, Praça Luiz de Camões, 46, 2.^o está aberta a inscripção para a 8.^a caçada, que se deve realizar no domingo 24 do corrente.

O custo dos bilhetes de admissão, é de 1\$200 réis; a partida será ás 7 e meia da manhã da estação do Rocio e o regresso na tarde do mesmo dia.

Lisboa, 12 de abril de 1898.

O Secretario
H. ANACHORETA

Legislação sobre caça

DEPOIS de ter apresentado aos leitores do *Tiro Civil* a legislação da caça em vigor em diferentes paizes da Europa, era extranhavel que lhes não falasse da legislação Hespanhola; tanto mais que, o unico argumento de combate contra as idéas que por diferentes vezes temos expellido sobre a necessidade d'uma lei de caça, é o afastamento e differença de clima de Portugal para os paizes a cujas leis nos referimos. Ainda que as leis de caça vigentes no sul da França, na Italia e na Grecia e outros paizes possam muito bem servir-nos de molde, ponho-as completamente de parte para me occupar apenas da lei hespanhola, com a qual não concordo em absoluto.

Legislação sobre caça e uso de armas

Lei de caça de 10 de Janeiro de 1879

D. Affonso XII, por a Gracia de Dios Rey etc....

1.^a SECÇÃO

CLASSIFICAÇÃO DOS ANIMAES

Art. 1.^o Para os effeitos d'esta lei dividem-se os animaes em trez classes:

- 1.^a Animaes selvagens.
- 2.^a Amansados ou domesticados.
- 3.^a Mansos ou domesticos.

Art. 2.^o São animaes selvagens os que vae-guem livremente e não podem ser agarrados senão pela força.

Art. 3.^o São animaes amansados ou domesticados os que sendo por natureza selvagens são reduzidos á domesticidade ou subjugados pelo homem.

Art. 4.^o Os animaes amansados ou domesticados são propriedade de quem os reduziu a esta condição enquanto n'ella se conservam. Quando porém recobrem a sua primitiva liberdade, deixam de pertencer ao que foi seu dono para serem do primeiro que os apanhe.

Art. 5.^o São animaes mansos ou domesticos os que nascem e são creados debaixo do poder do homem, que os conserva sempre como propriedade. Ainda que saiam do seu poder pode

reclamal-os de qualquer que os retenha pagando as despesas de alimentação.

Art. 6.º Os animais selvagens tornam-se propriedade do homem por meio da caça.

Art. 7.º Compreende-se debaixo da aceção generica da caça toda a arte ou meio de perseguir ou de apprehender, para reduzir á propriedade particular, os animais selvagens ou domesticados que tenham deixado de pertencer ao seu dono por haver recobrado a sua primitiva liberdade.

(Continua).

H. OLAVRAC.

VELOCIPEDIA

Viva José Bento Pessoa

O VALENTE cyclista acaba de ganhar mais uma victoria, que faz honra ao cyclismo portuguez; os telegrammas que chegaram, fizeram sensação em todos os centros velocipedicos.

Os jornaes estrangeiros de *sport* tratam de José Bento, como sendo hoje o nome mais discutido no cyclismo universal; pois bem, nós, vamos propôr, que se preste homenagem condigna ao nosso valente compatriota.

Os clubs velocipedicos, que concordem entre si, e se cotizem para offerecer uma lembrança a José Bento.

O *Tiro Civil*, pede para que, no caso que esta ideia vá por diante, lhe seja permitido o concorrer tambem para a sua realisação.

Aqui fica o nosso alvitre, que nos quer parecer, será uma realidade dentro em pouco.

José Bento Pessoa

MAIS uma vez este intrepido campeão honrou no estrangeiro o cyclismo portuguez.

José Bento foi ha tempos desafiado pelo campeão suizo *Champion*, a correr em pista.

Acceitou o desafio, o qual teve logar no domingo 10, em Genebra, e a sua victoria foi completa batendo *Champion* nos *records* do mundo, de 500 a 1:000 metros, com a maior facilidade.

Os jornaes francezes são unanimes em proclamar José Bento como um dos maiores corredores de velocidade que a velocipedia tem produzido, assegurando-lhe, por isso, um brilhante futuro na carreira a que se dedica. A aposta constava de 1:000 francos, que ao cambio equivale a 270\$000 réis

José Bento partiu para Turim onde vae tomar parte nas corridas de 17 e 18 do corrente, e, onde consta, estão inscriptos os melhores corredores francezes e italianos.

Ao constar na Figueira, terra natal de José Bento, a noticia da sua grande victoria, o entusiasmo foi enorme.

O *Gymnasio Club* illuminou a sua fachada e inumeras girandolas de foguetes subiram ao ar.

Felicitando o grande campeão portuguez, enviamos-lhe d'aqui um apertado abraço, fazendo votos para que prosiga nas suas victorias.

Figueira, 13-4-98.

F.

Porto, 28 de Março de 1898.

CONTINUAM sendo muito concorridas as sessões de *patinagem* e velocipedia na nave central do Palacio de Crystal, ás quintas

feiras á noute, assim como ás tardes na grande avenida, reunindo-se ali a sociedade elegante para o exercicio da bicycleta.

O Passeio Alegre na Foz do Douro está sendo tambem muito frequentado por grande numero de senhoras que ali andam de bicycleta.

Dizem-nos que no proximo domingo 3 se realisa em Aveiro o *match de lawn Tennis* entre um grupo do Real Velo Club do Porto e outro do Gymnasio Aveirense.

Muitos socios do R. V. C. P. irão áquella festa em bicycleta.

Na proxima semana devem principiar as obras de reforma do velodromo «Maria Amelia» do R. V. C. P.

PEDAL CHICO.

TAUROMACHIA

Manoel dos Santos

N'UMA epocha em que os actuaes artistas tauromachicos vão decahindo, é justo que se animem alguns d'esses rapazes que ultimamente se tem evidenciado, como Arthur Felix, Thomaz da Rocha, Thadeu, e aquelle cujo retrato hoje publicamos.

Não é o tourear a pé, entre nós, tão facil como a muitos parece, e essa difficuldade está bem affirmada no seguinte confronto: Em Hespanha, onde as rezas são desemboladas, ha toureiros ás centenas, em Portugal, não chegam a haver duas dezenas d'elles.

E' portanto imprescindivel que quando apparecem rapazes como Manoel dos Santos, se lhes conceda a protecção de que necessitam, afim de que a tauromachia portugueza não desapareça por falta de cultores.

**

Manoel dos Santos nasceu em Lisboa aos 15 de julho de 1871; seguiu os estudos, mas depois abandonou-os para se dedicar ao theatro, onde representou com agrado.

Na escola de alumnos marinheiros, onde depois entrou, realisou oito exames findos os quaes se alistou na armada, fazendo em seguida algumas longas viagens á costa oriental e occidental d'África, India e Mediterraneo.

Escusado será dizer-se que Manoel dos Santos, com o seu genio alegre e folgazão, dulcificava as agruras d'essas viagens com recitas e divertimentos que encantavam os seus superiores e companheiros, que o adoravam, alcunhando-o de *Vida Alegre*.

Depois de dar baixa foi um dia a Alcochete onde, expandindo a sua *aficion*, toureou a convite d'um *torerito*, fazendo boa figura na lide d'um touro já corrido, que depois capeou com singular mestria.

Estava dado o primeiro passo na difficil senda da arte, e por isso Manoel dos Santos dedicou-se, visto que tinha vocação, ao toureio a pé, sem nenhuma outra ajuda que não fosse o seu arrojo, valentia, e habilidade.

Não é pois d'admirar que este *diestro* conseguisse um posto proeminente na arte que agora segue sob tão bons auspicios porque, como já dissémos, boas qualidades não lhe faltam.

E. D'A.

Egas Moniz Barreto do Couto

E GAS Moniz Barreto do Couto era natural da freguezia da Sé, da cidade d'Angra do Heroismo, ilha Terceira, e nasceu no dia 3 de março de 1868, sendo

seus paes Manuel Moniz Barreto do Couto e D. Rita Pulcheria d'Ornellas Bruges Moniz Barreto.

Era casado com D. Elvira Silva Moniz Barreto. Falleceu a 10 de novembro de 1894, deixando um filhinho que ainda não contava um anno de idade.

O fallecido era um rapaz jovial, dotado d'uma alma nobre e caridosa.

Como cavalleiro-amador toureou diversas corridas por *aficion*, distinguindo-se sempre pela sua valentia e coragem, dispondo já de muitos recursos artisticos. A sua estreia teve logar na praça de S. João, em 8 de agosto de 1888. Na mesma praça toureou nas seguintes corridas, em 25 de maio, 16 de junho, 17 de julho, 24 de julho e 23 de outubro de 1892, em 6 de agosto, 1 e 8 de outubro de 1893. Na praça do Espirito Santo toureou tambem nas seguintes corridas: em 10 de junho, 24 de junho, 26 de junho, 15 de julho, 22 de julho e 16 de setembro de 1894, anno este em que falleceu.

A falta de Egas Moniz ainda hoje é sentida em Angra e em toda a ilha Terceira, onde elle se tornou popularissimo, mercê da sua affabilidade e nobreza de caracter.

Terceira, 2 de fevereiro de 1898.

F. P. MONIZ BARRETO.

Revista quinzenal

ANNUNCIADA para 27 de março p. p. a inauguração da epocha no Campo Pequeno, com uma corrida de touros de Emilio Infante, foi a mesma transferida para o dia 3 de abril corrente.

A lide foi animada pelo bom trabalho do bandarilheiro hespanhol *Blanquito*, que no 10.º touro brilhou extraordinariamente alternando com o seu collega *Barquero*.

Dos nossos apresentaram-se Calabaça, Raphael, Theodoro e Cadete, salientando-se o primeiro e ultimo; os outros muito diligentes.

Os cavalleiros Fernando d'Oliveira e Adelino escaparam, e dos espadas *Reverte* e *Conejito*, o que melhor andou foi o *Conejo*, que sabe dar passes de muleta com principio e fim... *Matando*, ambos estiveram á altura do seu nome, posto que algumas vezes entrassem com os touros abertos.

Os forcados cumpriram e levaram as bordoadas do costume, para gaudio dos brutos apreciadores d'esta *sorte*.

Esquecia-nos dizer que os touros de Emilio sahiram muito regulares e que o ultimo, pertencente a Paulino da Cunha, além de ser cego era manso e corrido. Para o bandarilhar, Raphael e Theodoro passaram perigos e fadigas.

—A 2.ª corrida realisoou-se com cornu- petos do sr. commendador Carlos Marques, que sahiram bravos na maioria.

Os artistas andaram bem, ouvindo muitas palmas os cavalleiros Fernando d'Oliveira e Joaquim Alves; os espadas *Faico* e *Algabeño* tambem foram applaudidos, e o mesmo succedeu aos bandarilheiros, pela ordem seguinte: Manuel Rodas, Jorge Cadete, Theodoro, Calabaça, *Perdigon* e Raphael, n'uma bellissima meia volta no 2.º touro, que sahiu manso.

Dos forcados, o *Fressura* foi quem melhor se portou pegando de costas o 9.º bicho.

E. D'A.

A tauromachia em Portugal

(Continuado do n.º 133)

N o dia em que no reino Lusitano seja permittida a morte dos touros, e que

os *espadas* se promptificassem a estoquear rezes que fossem farpeadas pelos nossos cavalleiros, ou bandarilhadas quando não arrancassem ao cavallo, — diziamos nós, n'esse dia a nossa taumachia teria adiantado um passo muito grande, e por certo entraria n'uma phase de brilhantismo que difficilmente se offuscaria.

Todavia, não ignoramos que o coadunar ou compôr os dois toureiros, trocando o trabalho dos picadores pelo dos nossos cavalleiros, seria quasi impossivel porque aquelles são imprescindiveis, pela simples razão de que a par das forças que fazem perda ao gado, obrigam-n'o a arrancar a direita, e por consequente facilitam o trabalho do matador que, com a muleta só tem que *ahormar* a cabeça do animal.

Com a intervenção do *rejoneador*, aquella segunda vantagem cessava, porque os touros em virtude das continuas sortes á tira ou á meia volta que lhes fizessem, as quaes como se sabe são feitas unicamente para a direita, ensinariam fatalmente a rez a encostar-se ao mesmo lado, o que seria compromettedor para o *espada*.

Salva esta difficuldade que se poderia remediar com sortes alternadas feitas a cavallo, para a direita, e a pé, para a esquerda, teriamos este inconveniente omitido e o toureiro como deve ser executado, isto é, com um principio e um fim que é e sempre deve ser: — **A morte do touro.**

E. D'A.

A aficção nos Açores

É na ilha Terceira, uma terra relativamente pequena, onde se abrigam mais *aficionados* em referencia ao limitado numero de habitantes que tem.

Até mesmo em Hespanha, onde a *aficção* é tão entranhada, duvidamos que hajam, n'um certo e determinado ponto de eguaes dimensões ás d'aquella bonita ilha, tão grande numero de amadores do bello espectáculo peninsular.

Para affirmar o que avançamos, basta entrar n'uma das praças de touros de Angra e vêr o entusiasmo com que o publico assiste ás corridas, e, ainda mais, apreciar os conhecimentos d'esse mesmo publico que já se não illude com *camamas*.

Vendo as tradições corridas á corda, em que seis alentados rapagões demonstram a sua força sujeitando um touro preso a um comprido cabo de linho, regosija-se o forasteiro em admirar o *entrain* com que o povo em idas e vindas corre pela rua ou estrada, provocando o cornupeto, já citando-o de longe, já propinando-lhe sua cacetada, que algumas vezes é correspondida com marradas de collosso, seguidas de trambolhões mayusculos.

Quem ainda não concordar com o bom nome que os açoreanos merecem como *aficionados*, entre-lhes um pouco na sua vida intima, e verá que não exageramos.

O terceirense é o unico que recebe os toureiros contractados para as suas praças com foguetorio e grande recepção feita no caes de desembarque, tal e qual como se estes homens fossem ali desempenhar um cargo de valor, como o de Governador Civil ou outro de equal importancia.

Por causa d'isto succedeu um caso engraçadissimo com um matador de novilhos, que hoje é alferes do exercito hespanhol nas Philippinas, e que ha annos foi á Terceira para ali tourear em algumas corridas na Praça do Espirito Santo.

Este *ex-diestro*, por acaso fez a viagem juntamente com o bispo d'Angra, que regressava á sua diocese, estando por tal

motivo as ruas e egrejas da cidade ornamentadas com flores, colchas, etc. etc.

Por isso o citado matador, a quem tinham aqui avisado de que os habitantes da Terceira eram *muy buena gente*, ao vêr tal aparato de ornamentações além do costumeado acolhimento feito por aquelle hospitaleiro povo, julgou que a manifestação era toda para si e disse a alguém:

— *Hombre esto es mucho, y no era preciso tanto.*

Esta observação correu de bocca em bocca, e se as pessoas sensatas se riram a faltar, outras houve que se orgulharam com o *qui proquo*.

O mais engraçado da passagem, é que o tal novilheiro, quando regressou ao continente, antes de acabar de cumprir o seu contracto, dizia a quem escreve estas linhas:

— *Hombre, los aficionados de las Terceiras a mi llegada muy bien, pero eu la ultima corrida me pelearon de lo lindo, echando-me piedras, bassones, y calderilla. Caray! Gente mast braba nunca he visto en toa mi vida!*

E isto é verdade, os angrenses são a gente mais pacifica do mundo, mas quando lhes chega a mostarda ao nariz tornam-se justamente no contrario do que são, e como exemplo ahi teem o que aconteceu ao tal *diestro* que não veio corrido por o seu trabalho não agradar, como de facto não agradou, mas porque teve o arrojo de fazer um signal obsceno áquelles que no dia da sua chegada o foram receber ao caes de desembarque, dando-lhe mostras de amizade e agrado.

Mas, se os artistas se portam como devem, com um pequenino esforço captam quantas sympathias querem, chegando até a crear adeptos entre as classes mais elevadas, como succedeu a José Ruiz (*Joseito*) e Joaquim Perez *Pechuga*, dois *toreritos* de fama limitada entre o publico de Almada ou Villa Franca, e que na Terceira contam com o apoio incondicional de dois partidos poderosos, denominados *Joseitistas* e *Pechugistas!*

Por causa de (*Pechuga*) houve varias polemicas na imprensa angrense, que não desandaram em pancadaria nem sabemos porque, e aos centros de reunião tambem houve mosquitos por cordas, succedendo casos engraçadissimos.

O seguinte facto prova cabalmente a incontestavel *aficção* dos angrenses:

— Algumas senhoras de Angra, *aficionadas*, de excellente estofa, bordaram uma linda e custosa capa de cortezias, que uma commissão offereceu a Joaquim Verez no dia do seu beneficio, capa esta que agora tem a desdita de jazer todos os invernos em uma casa de penhores estabelecida em Caceres.

Motivada por esta *prenda*, cuja descrição se fez em certo diario de Lisboa, já houve acalorada discussão nos jornaes de Angra de Heroismo, discussão que descambou para o terreno aggressivo sem proveito para ninguem, a não ser para o ridiculo da questão.

(Continúa).

E. D'A.

DIVERSAS

A' Nação Portuguesa

A conversão

RECEBEMOS dois exemplares de um bem redigido e enérgico protesto contra a conversão; vem assignado por 112 ca-

valheiros, industriaes, commerciantes, jornalistas, etc.

Muito bem; nós nada queremos tambem, embora de longe que seja, que nos cheire a intervenção estrangeira.

Portuguezes e portuguezes sempre, com honra e independencia, é o que desejamos ser, já o temos dito e repetido.

José Joaquim Peixinho

A obra do nosso amigo o sr. Egydio d'Almeida, que em breve sahirá, subordinada a este titulo, está dispartando a curiosidade do publico, tanto mais que agora se sabe que além das poesias e sonetos escriptos por *Peixinho*, ha tambem um estudo do fallecido toureiro sobre o torneio de capa e muleta em Portugal, e uma critica sobre os *ganaderos* portuguezes.

Real Club Fluvial Portuense

RECEBEMOS e muito agradecemos o *Boletim e Contas* da gerencia de 1897.

E' um documento importante e bem elaborado que demonstra, não só o estado prospero do Club, mas tambem, o que é mais, uma exemplar administração.

Vê-se pelo movimento de embarcações, o gosto que no Club existe pelo *sport* nautico.

Muitas prosperidades ao distincto Club é o que lhe appetecemos.

Correspondencia

J. P. dos S.—*Chança*.—Agradecemos a fineza da assignatura. Os jornaes foram expedidos pelo correio.

A. F. F.—*Lisboa*.—Tenha paciencia. só no numero que vem pode ser servido.

A. B.—*Castanheira de Pera*.—Muito obrigados pela noticia e pelas assignaturas. Os jornaes foram remetidos pelo correio.

A. de S.—*Castello Branco*.—Pode mandar quando quizer.

J. A. dos S. e S.—*Valença*.—Não temos duvida, o que é preciso é que se amolde á linguagem cá da caza.

J. P. P.—*Covilhã*.—Remettemos os numeros pedidos; muito agradecemos os seus favores.

V. V. V.—*Lagos*.—Recebemos; quando quizer.

F. V. P.—*Lourenço Marques*.—Fica paga até ao fim do anno. Agradecemos.

J. P.—*Cintra*.—Demos seguimento ao seu pedido.

A. M. S.—*Alcacer do Sal*.—Não podemos acceder aos seus desejos. Mais valle evitar do que remediar.

A. P. da S.—*Monforte*.—Pelo correio remettemos os bilhetes de 100 réis, para os premios *Cidade de Lisboa*, que nós não pediu. Em nome da commissão agradecemos.

ANNUNCIO



Casa da Moeda e Papel Sellado

A Casa da Moeda faz publico que durante o praso de validade dos sellos postaes commemorativos do Centenario da India, effectuará a venda dos mesmos sellos, do Continente, Açores, Madeira, Africa, India, Macau, e Timor bem como dos respectivos bilhetes postaes, em todos os dias uteis das onze horas da manhã ás trez da tarde.

Antonio de Lima Carvalho.

Editor responsavel.—Mannel Augusto Pinto
A LIBERAL—Officina typographica